

# estudos e pesquisas

Ano 3 – Nº 24 – setembro de 2006

## A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos



# A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos

No Brasil, as profundas transformações pelas quais a economia vem passando dificultam a inserção ocupacional da força de trabalho, sobretudo da população jovem. No contexto de um elevado excedente de mão-de-obra, os jovens em idade de trabalhar<sup>1</sup> constituem um dos segmentos mais frágeis na disputa por um posto de trabalho e para quem o problema do desemprego é mais latente. Nesse sentido, mesmo quando o jovem consegue uma ocupação, verifica-se que esta apresenta características diferenciadas – normalmente é menos regular e mais precarizada.

O problema da inserção ocupacional torna-se mais grave para jovens com determinados atributos pessoais, principalmente, para aqueles oriundos de famílias de menor renda.

Conforme mostram os dados da PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego –, realizada pelo DIEESE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Ministério do Trabalho e Emprego/FAT e governos locais, em cinco regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo) e no Distrito Federal, os jovens enfrentam grandes dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Quando ocupados, suas inserções variam em função da renda familiar, quanto à possibilidade de frequentar escola, ao setor de atividade econômica em que trabalham, a forma de inserção, rendimentos, jornada de trabalho e região de domicílio.

Assim, as diretrizes e os programas para a inclusão no mercado de trabalho e a formação profissional dos jovens não podem deixar de levar em consideração as desigualdades de oportunidades segundo a condição familiar deste segmento da população.

## 1. Os jovens em mercados de trabalho metropolitanos

Em 2005, no Distrito Federal e nas cinco regiões metropolitanas em que a PED é realizada, a população jovem, entre 16 e 24 anos, somava 6,5 milhões de pessoas, correspondendo a 23,8% da população acima de 16 anos residente nestas áreas. Deste contingente, grande parte - 4,6 milhões - fazia parte da força de trabalho local, na condição de ocupados ou de desempregados. Tais informações mostram que é expressiva a presença deste segmento na População Economicamente Ativa (PEA) com mais de 16 anos, representando um quarto dos trabalhadores (25,0%) - Tabela 1.

---

<sup>1</sup> Conforme definição adotada pela Organização das Nações Unidas – ONU, o segmento juvenil representa uma parcela demográfica situada na faixa etária dos 15 aos 24 anos. Nesse estudo, são considerados jovens os indivíduos com idade entre 16 e 24 anos. O limite de 16 anos refere-se à idade mínima legal estabelecida no Brasil para a participação no mercado de trabalho.

**TABELA 1**  
**Estimativa da população acima de 16 anos e jovens**  
**de 16 a 24 anos, segundo condição de atividade**  
**Distrito Federal e Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte,**  
**Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo- 2005**

(em 1.000 pessoas)

Condição de Atividade	Número de pessoas acima de 16 anos	Jovens de 16 a 24 anos	
		Número de pessoas	(%)
<b>População</b>	27.143	6.452	23,8
<b>População Economicamente Ativa</b>	18.489	4.629	25,0
<b>Ocupados</b>	15.248	3.157	20,7
<b>Desempregados</b>	3.241	1.473	45,5
<b>Inativos</b>	8.655	1.823	21,1

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

Entre os ocupados com mais de 16 anos (15,2 milhões), os jovens representaram uma proporção de 20,7%, totalizando 3,2 milhões de pessoas. No entanto, quando se consideram os desempregados, a proporção é bem maior: entre os 3,2 milhões de desempregados acima de 16 anos nas regiões metropolitanas analisadas, 1,5 milhão de pessoas estavam na faixa etária entre 16 e 24 anos, o que significava 45,5% do total de desempregados acima de 16 anos.

A proporção de jovens na população total acima de 16 anos, em cada uma das regiões pesquisadas pela PED, não se diferencia de forma substancial. A distribuição espacial deste segmento da população indica que a parcela referente aos jovens, em relação ao conjunto da população com idade superior a 16 anos, variou entre 22,3%, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e 26,4% na de Salvador (Tabela 2).

**TABELA 2**  
**Estimativa da população acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2005**

(em 1.000 pessoas)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	População total acima De 16 anos (A)	Jovens de 16 a 24 anos (B)	B/A (%)
Belo Horizonte	3.542	870	24,6
Distrito Federal	1.642	431	26,3
Porto Alegre	2.833	631	22,3
Recife	2.646	636	24,0
Salvador	2.489	658	26,4
São Paulo	13.991	3.226	23,1

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
 Elaboração: DIEESE

## 2. A evolução recente da inserção dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos

O grau de inserção dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos pode ser aferido por dois indicadores:

- i) a pressão exercida por essa população em seus respectivos mercados de trabalho, expressa pela taxa de participação<sup>2</sup> e;
- ii) a falta de oportunidades, expressa pela taxa de desemprego.

Conforme os dados da PED de 2005, verifica-se que a taxa de participação dos jovens foi bastante elevada e muito próxima da taxa das pessoas com 25 anos ou mais, embora os percentuais se diferenciasssem nas regiões pesquisadas: as áreas do país que apresentam um mercado de trabalho mais dinâmico tendem a apresentar um engajamento mais expressivo dessa parcela da população. Assim, em São Paulo, Belo Horizonte e Distrito Federal, a população jovem apresentou maior participação no mercado de trabalho, correspondendo a parcelas superiores àquelas registradas para o total da população com 25 anos e mais. Já em Recife e Salvador, a situação foi inversa, ou seja, os jovens participaram relativamente menos no mercado de trabalho, *vis-à-vis*, o total da população com 25 anos e mais (Tabela 3).

A desagregação das taxas de participação dos jovens segundo grupos de idade mostrou ainda que a inatividade é maior entre aqueles que têm entre 16 e 17 anos, decorrente, em parte do maior tempo dedicado à educação e também da preocupação generalizada com incremento da formação profissional. A participação também é menor entre as jovens, acompanhando, em geral, o padrão de inserção da população acima de 16 anos. Observa-se, porém, que as distâncias entre a participação de homens e mulheres são menores do que aquelas observadas para a população com idade acima de 16

<sup>2</sup> É a relação entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade Ativa (PEA/PIA) e indica a proporção de pessoas incorporada ao mercado de trabalho como ocupada ou desempregada.

anos. Tal fato pode sugerir uma mudança de comportamento das novas gerações em relação à presença feminina no mercado de trabalho.

**TABELA 3**  
**Taxas de participação e de desemprego dos jovens de 16 a 24 anos e da população total acima de 25 anos**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Taxas de participação		Taxas de desemprego	
	Jovens de 16 a 24 anos	População total acima de 25 anos	Jovens de 16 a 24 anos	População total acima de 25 anos
<b>Belo Horizonte</b>	70,6	65,4	30,5	11,2
<b>Distrito Federal</b>	72,4	72,6	35,4	12,4
<b>Porto Alegre</b>	69,3	63,1	26,3	10,6
<b>Recife</b>	55,2	58,6	39,9	17,0
<b>Salvador</b>	66,3	69,0	41,4	18,3
<b>São Paulo</b>	76,8	68,7	29,8	11,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

Em relação à taxa de desemprego dos jovens, verificou-se também que essa foi menor nas regiões metropolitanas com mercados de trabalho mais dinâmicos (Porto Alegre, 26,3%) e maior nas regiões com mercados de trabalho adversos (Salvador, 41,4%). Contudo, em contraposição à taxa de participação, que se apresentou praticamente nos mesmos patamares para jovens e para a população acima de 25 anos, a taxa de desemprego chegou a ser mais de duas vezes superior entre os jovens quando comparada à taxa de desemprego para a população com mais de 25 anos.

Tais dados evidenciam que os jovens buscam efetivamente uma oportunidade de trabalho, assim como o conjunto da população economicamente ativa. Entretanto, sua dificuldade é mais acentuada, expressa através das elevadas taxas de desemprego, uma vez que concorre com pessoas com maior experiência profissional e maior vivência no mundo de trabalho.

Neste contexto, a falta de perspectiva profissional para a juventude se destaca como um dos principais fatores de desagregação social no período atual brasileiro. Entre os jovens, as maiores taxas de desemprego foram observadas, principalmente, entre aqueles entre 16 e 17 anos e entre os do sexo feminino.

Entre 2004 e 2005, a taxa de participação dos jovens decresceu em quase todas as regiões pesquisadas, com exceção de São Paulo, onde houve oscilação positiva. Esse discreto aumento na inatividade vem acompanhado de quedas substanciais (que chegam a atingir -10,2% em Porto Alegre) nas taxas de desemprego em todas as seis regiões consideradas no estudo (Tabela 4). A explicação para o aumento do número de jovens inativos pode estar na preocupação com a escolaridade combinada com o desalento, mas também pode ser resultante da redução do desemprego para os

chefes de família, do discreto aumento da renda familiar dos mais pobres e também das políticas públicas em geral.

**TABELA 4**  
**Taxas de participação e de desemprego dos jovens de 16 a 24 anos**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2004 e 2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Taxas de participação		Taxas de desemprego	
	2004	2005	2004	2005
Belo Horizonte	71,8	70,6	34,1	30,5
Distrito Federal	72,8	72,4	38,0	35,4
Porto Alegre	70,3	69,3	29,3	26,3
Recife	58,5	55,2	41,7	39,9
Salvador	67,5	66,3	42,8	41,4
São Paulo	76,7	76,8	32,6	29,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

### 3. A ocupação juvenil nos mercados de trabalho metropolitanos

Nas regiões analisadas, os jovens ocupados somam 3.157 mil pessoas e equivalem a 20,7% do total de ocupados de 16 anos e mais (Tabela 1). Nessas regiões, a proporção de jovens ocupados é semelhante e variou entre 17,7% (Recife) e 21,6% (Belo Horizonte) - Tabela 5.

**TABELA 5**  
**Estimativa da população ocupada acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2005**

(em 1.000 pessoas)

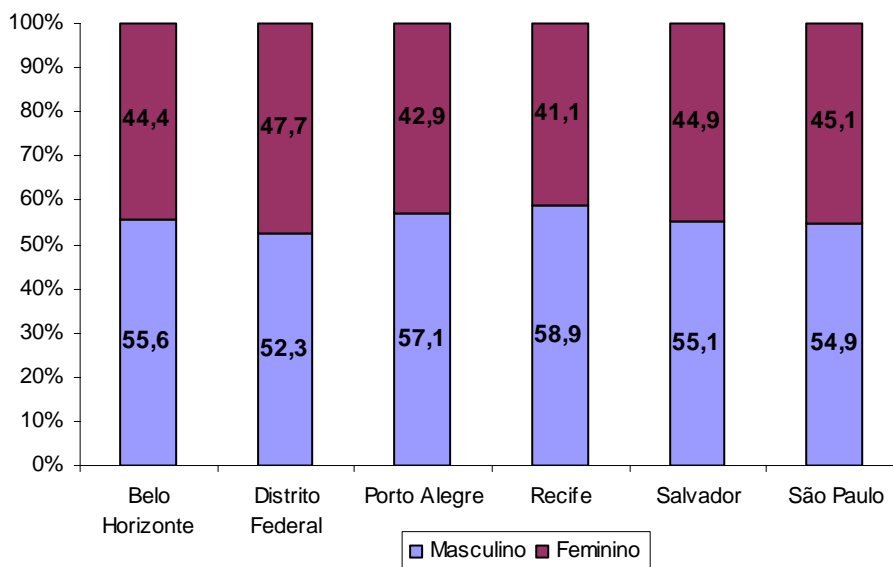
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	População total acima De 16 anos (A)	Jovens de 16 a 24 anos (B)	B/A (%)
Belo Horizonte	1.980	427	21,6
Distrito Federal	972	202	20,8
Porto Alegre	1.564	322	20,6
Recife	1.187	211	17,7
Salvador	1.288	256	19,9
São Paulo	8.258	1.740	21,1

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

Entre os jovens, também se reproduz a desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho verificada entre as mulheres, com algumas agravantes regionais e por faixas etárias explicadas por fatores culturais, sociais e econômicos. Em 2005, a proporção das ocupadas de 16 a 24 anos em relação ao total foi inferior à dos homens jovens ocupados em todas as seis regiões onde a PED é realizada. Os mais baixos percentuais das jovens no mercado de trabalho foram registrados em Recife (41,1%) e em Porto Alegre (42,9%), enquanto as participações mais equitativas para os jovens, em termos de gênero, foram verificadas no Distrito Federal (47,7%) e em São Paulo (45,1%) (Gráfico 1).

**GRÁFICO 1**  
**Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos ocupados segundo gênero**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em porcentagem)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

A inserção do jovem no mercado de trabalho dá-se de forma distinta, segundo a condição socioeconômica da sua família, como demonstram estudos do DIEESE. Diante disso, nos tópicos seguintes, são apresentadas as características do padrão de inserção ocupacional dos jovens, a partir da condição de renda da família a qual pertencem e apresentando a influência desse fator no perfil dos jovens ocupados.

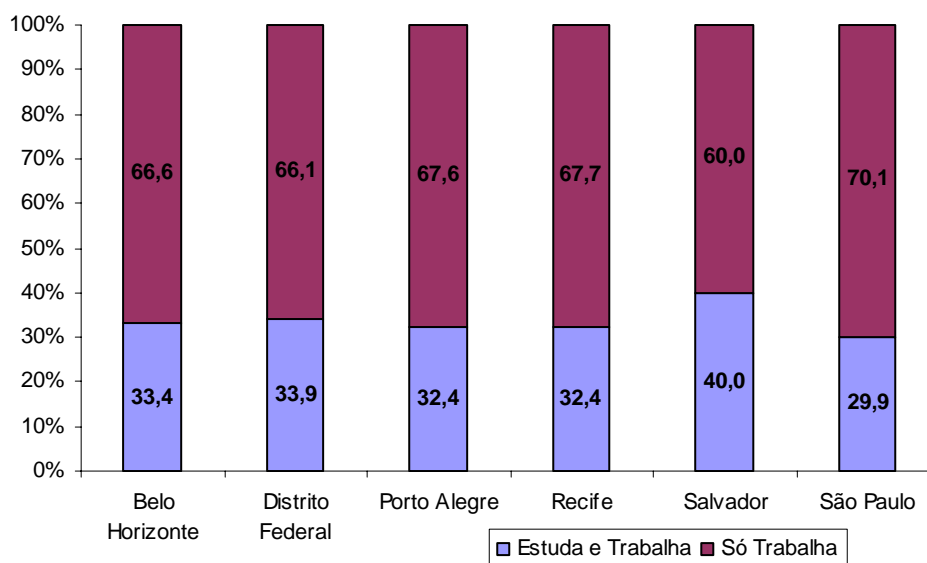
### **Escola e trabalho**

A fase compreendida entre 16 e 24 anos é das mais relevantes, uma vez que é nela que tendem a ocorrer a conclusão da formação escolar e o ingresso na vida profissional. Assim, os sucessos escolares e ocupacionais nessa faixa etária têm importância destacada e se refletem e/ou determinam o restante da vida do trabalhador.

A maioria dos jovens ocupados não conseguiu conciliar a formação escolar e profissional, nas seis regiões metropolitanas. A proporção de jovens ocupados que somente trabalha foi maior que a proporção de jovens que estuda e trabalha em todas as regiões investigadas (Gráfico 2).

**GRÁFICO 2**  
**Distribuição dos jovens de 16 a 24 anos ocupados segundo situação de trabalho e estudo**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em porcentagem)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
 Elaboração: DIEESE

Os jovens de famílias de baixa renda encontram maior dificuldade para conciliar estudo e trabalho, como revela a análise da distribuição dos jovens ocupados segundo situação de trabalho e estudo por quartis de renda familiar. Em 2005, entre 69,4% (Salvador) e 78,9% (Distrito Federal) dos jovens ocupados que pertencem a famílias de menor poder aquisitivo (primeiro quartil<sup>3</sup>) somente trabalham. Para os jovens ocupados oriundos das famílias de maior poder aquisitivo (quarto quartil), uma proporção bem inferior, entre 46,8% (Distrito Federal) e 62,5% (Recife) somente trabalharam (Tabela 6).

<sup>3</sup> O conjunto das rendas familiares é composto por quatro quartis:

Grupo 1, ou 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar

Grupo 2, ou 2º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1

Grupo 3, ou 3º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2

Grupo 4, ou 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar



**TABELA 6**  
**Distribuição dos jovens ocupados de 16 a 24 anos segundo situação de trabalho e estudo**  
**e por grupo de quartis do rendimento familiar mensal**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal –2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Grupos de Famílias			
	1º Quartil	2º Quartil	3º Quartil	4º Quartil
<b>Belo Horizonte</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	(1)	26,9	30,7	43,2
Só Trabalha	74,4	73,1	69,3	56,8
<b>Distrito Federal</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	21,1	26,7	31,0	53,2
Só Trabalha	78,9	73,3	69,0	46,8
<b>Porto Alegre</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	24,2	23,6	27,9	45,5
Só Trabalha	75,8	76,4	72,1	54,5
<b>Recife</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	30,0	26,9	31,1	37,5
Só Trabalha	70,0	73,1	68,9	62,5
<b>Salvador</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	30,6	36,2	36,5	49,7
Só Trabalha	69,4	63,8	63,5	50,3
<b>São Paulo</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Estuda e Trabalha	23,5	22,1	25,9	40,8
Só Trabalha	76,5	77,9	74,1	59,2

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Obs.: a) Inflator utilizado: IPCA/BH/ Ipead; INPC-DF/IBGE; IPC-Iepe/RS; INPC-RMR/IBGE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP.

Valores em reais de abril de 2006

b) Grupo 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar

Grupo 2º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1

Grupo 3º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2

Grupo 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar

A maior proporção de jovens ocupados possui o ensino médio completo em todas as regiões onde a PED foi realizada em 2005, oscilando entre 37,1% (Porto Alegre) e 47,9% (São Paulo). Os jovens ocupados com ensino fundamental incompleto (que engloba também os analfabetos) perfazem a segunda maior proporção no Distrito Federal (16,7%), Porto Alegre (17,1%), Recife (27,8%) e Salvador (21,9%). Nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte (18,9%) e São Paulo (15,9%), os com ensino médio incompleto somaram as segundas maiores parcelas (Tabela 7).

**TABELA 7**  
**Distribuição dos jovens ocupados de 16 a 24 anos segundo escolaridade**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Escolaridade					
	Ensino fundamental incompleto (1)	Ensino fundamental completo	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo	Ensino superior incompleto	Ensino superior completo
<b>Belo Horizonte</b>	14,2	11,1	18,7	43,7	9,7	(2)
<b>Distrito Federal</b>	16,7	11,0	15,5	39,6	13,2	3,9
<b>Porto Alegre</b>	17,1	14,4	16,0	37,1	13,7	(2)
<b>Recife</b>	27,8	9,8	13,5	40,1	7,5	(2)
<b>Salvador</b>	21,9	9,8	15,8	37,6	12,1	(2)
<b>São Paulo</b>	12,6	9,1	15,9	47,9	10,3	3,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Em 2005, o ensino médio completo foi o nível de escolaridade mais freqüente entre os jovens ocupados pertencentes às famílias mais ricas (terceiro e quarto quartil). Já para os jovens ocupados das famílias com menores rendimentos mensais, o ensino fundamental incompleto<sup>4</sup> foi predominante. Tais informações revelam a importância das condições financeiras familiares na formação escolar do jovem ocupado.

## Setorial

Em todas as regiões pesquisadas pela PED em 2005, o setor Serviços foi o que mais empregou os jovens – até 61,9% dos jovens ocupados no Distrito Federal e 55,1% em Salvador; ainda que estas atividades sejam as preponderantes nas economias dos grandes centros urbanos. O segundo setor que mais teve jovens ocupados foi o comércio, em quatro das seis regiões investigadas (Belo Horizonte, Distrito Federal, Recife e Salvador) e a indústria, nas outras duas regiões (Porto Alegre e São Paulo) - Tabela 8.

<sup>4</sup> Engloba o analfabetismo.

**TABELA 8**  
**Distribuição dos jovens ocupados de 16 a 24 anos segundo setor de atividade**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal –2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Setor de atividade					
	Indústria	Comércio	Serviços	Emprego doméstico	Construção civil	Outros
<b>Belo Horizonte</b>	15,9	21,3	49,9	7,4	5,0	(1)
<b>Distrito Federal</b>	4,0	23,5	61,9	7,1	(1)	(1)
<b>Porto Alegre</b>	25,2	22,0	46,2	3,0	3,3	(1)
<b>Recife</b>	10,4	24,0	50,5	7,1	3,3	4,7
<b>Salvador</b>	10,4	21,3	55,1	7,2	(1)	(1)
<b>São Paulo</b>	22,1	20,6	48,2	5,3	3,4	(1)

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

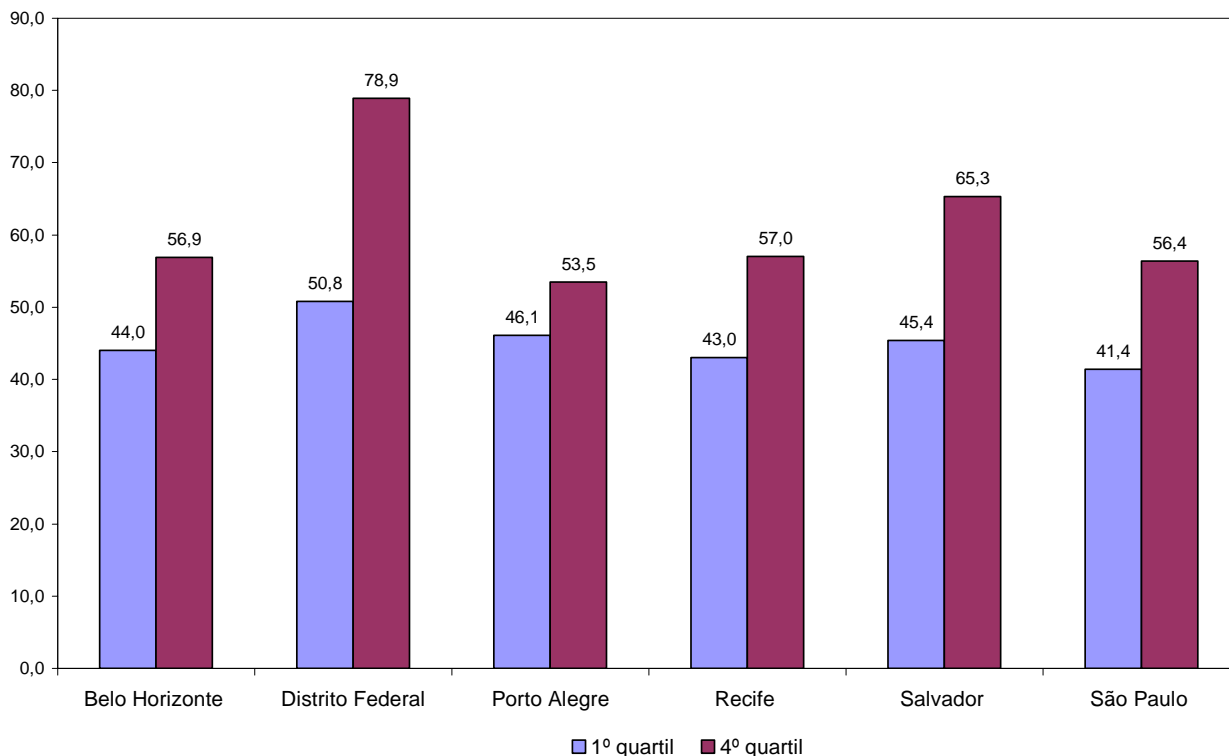
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Segundo os quartis de renda das famílias dos jovens ocupados nos serviços, verifica-se que, à medida que aumenta o rendimento da família, cresce também a proporção de jovens empregados nesse setor: a menor participação no primeiro quartil de renda foi encontrada em São Paulo (41,4%) e a maior no quarto quartil, no Distrito Federal (78,9%). Jornadas de trabalho mais flexíveis no setor de serviços, que permitem aos jovens das famílias mais ricas conciliar estudo e trabalho, podem ser um dos fatores para explicar a maior presença neste setor, já que no comércio e na indústria, a jornada tende a ser menos flexível (Gráfico 3).

**GRÁFICO 3**  
**Proporção dos jovens de 16 a 24 anos ocupados no setor de**  
**Serviços e pertencentes ao 1º e ao 4º quartil de renda familiar**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em porcentagem)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: Grupo 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar

Grupo 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar

## Forma de inserção

Em 2005, em todas as regiões investigadas pela PED, a maioria dos jovens ocupados no mercado de trabalho era assalariada. A participação dos assalariados no total de jovens ocupados variou entre 69,8% (Recife) e 86,0% (Porto Alegre).

Entre esses, a maior parte trabalhou para o setor privado e com carteira assinada. As maiores proporções de jovens assalariados no setor privado com carteira assinada foram observadas em Porto Alegre (58,4%) e em Belo Horizonte (53,2%). As regiões com as menores proporções de jovens com essa forma de inserção foram Recife (36,9%) e Salvador (39,8%). São Paulo liderou a proporção de jovens assalariados do setor privado sem carteira assinada (27,6%). A participação dos jovens assalariados do setor público se destacou no Distrito Federal (10,2%). Em Salvador (18,6%) e Recife (17,5%), observou-se a existência de uma parcela maior de jovens ocupados como autônomos, ainda que na primeira região esses jovens trabalhassem diretamente para o público, e na segunda

desenvolvessem trabalhos prioritariamente para empresas. Por fim, a inserção do jovem como empregado doméstico foi maior em relação ao total de jovens ocupados, em Belo Horizonte (7,4%) e menor em Porto Alegre (3,0%). (Tabela 9)

**TABELA 9**  
**Distribuição dos jovens ocupados de 16 a 24 anos segundo posição na ocupação**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal –2005**

(em porcentagem)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Assalariados					Autônomos			Empregado doméstico	Outros
	Total	Setor privado		Setor público	Total	Trabalha para o público	Trabalha para empresas			
		Total	Com carteira assinada					Sem carteira assinada		
<b>Belo Horizonte</b>	79,0	72,9	53,2	19,7	6,1	12,5	7,9	4,6	7,4	(1)
<b>Distrito Federal</b>	80,0	69,8	49,0	20,8	10,2	9,8	5,2	4,6	7,1	(1)
<b>Porto Alegre</b>	86,0	78,0	58,4	19,6	8,0	7,7	4,5	3,2	3,0	(1)
<b>Recife</b>	69,8	61,2	36,9	24,3	8,6	17,5	8,4	9,1	7,1	(1)
<b>Salvador</b>	71,6	64,5	39,8	24,7	7,1	18,6	14,3	4,3	7,2	(1)
<b>São Paulo</b>	80,4	76,9	49,3	27,6	3,5	11,3	4,0	7,4	5,3	(1)

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Em 2005, verificou-se que a formalização na contratação é maior na medida em que aumenta a renda familiar. Em todas as seis regiões investigadas pela PED, a proporção de jovens ocupados como assalariados - ocupação com remuneração mais regular e relação de trabalho relativamente mais estável – foi maior para aqueles de família com maior poder aquisitivo, que parece indicar que quanto maior a renda familiar, maior a chance de contratação com vínculo formal de trabalho. Em contrapartida, a proporção de jovens ocupados como autônomos – com menor regularidade de remuneração e relação de trabalho muito precária – diminui com o aumento da renda familiar. Ou seja, os jovens de famílias com poder aquisitivo mais elevado têm melhor inserção no mercado de trabalho.

Essa crescente vulnerabilidade na contratação dos jovens em função da renda familiar também foi observada quando se compara os assalariados de 16 a 24 anos do setor privado com ou sem carteira de trabalho assinada. Em Belo Horizonte, Distrito Federal e Porto Alegre, os jovens com vínculo de trabalho mais formal totalizaram mais que o dobro dos sem carteira e a formalização é uma realidade para todos os extratos de renda familiar. Nas outras regiões metropolitanas (Salvador, Recife e São Paulo), a parcela dos jovens sem carteira superou os com carteira para os ocupados pertencentes às famílias mais pobres (primeiro quartil). No caso dos jovens ocupados das famílias mais ricas (quarto quartil), a parcela de contratados com vínculo formal superou a dos sem carteira.

## Rendimento

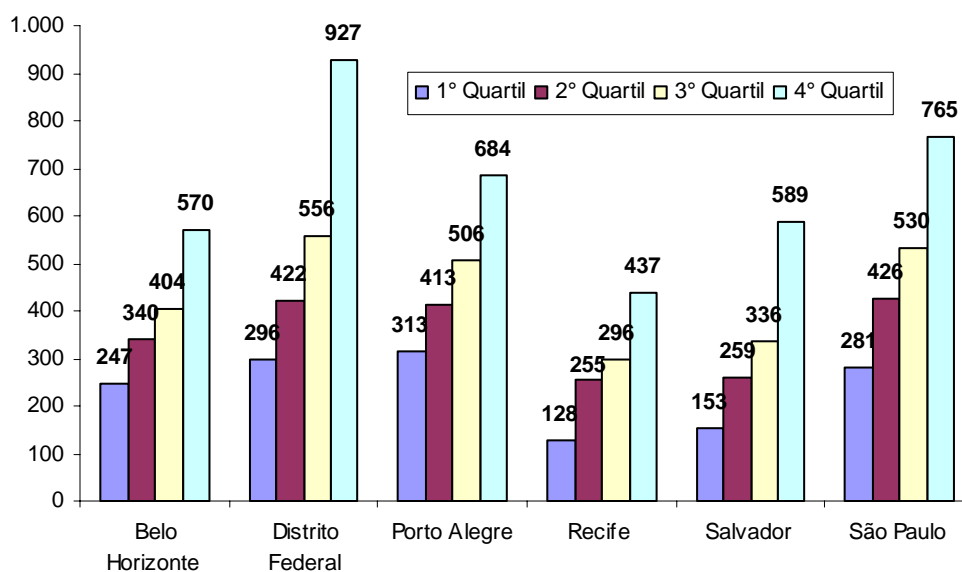
Foi muito elevada a diferença de remuneração entre os jovens ocupados das distintas regiões pesquisadas pela PED. Em 2005, enquanto em Recife o rendimento médio real mensal foi de apenas R\$ 318,00, no Distrito Federal atingiu R\$ 573,00, diferença de 80,2%. Entre esses rendimentos

extremos, situam-se Salvador (R\$ 378,00), Belo Horizonte (R\$ 426,00), Porto Alegre (R\$ 523,00) e São Paulo (R\$ 560,00).

Em 2005, em todas as regiões investigadas, a renda dos jovens ocupados é maior quanto mais elevado é o total de rendimentos das famílias. Isso é resultado da melhor preparação para o mercado de trabalho dos jovens das famílias com maior poder aquisitivo (Gráfico 4).

**GRÁFICO 4**  
**Rendimento médio real mensal dos jovens de 16 a 24 anos ocupados**  
**segundo o grupo de quartis do rendimento familiar mensal**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em reais de abril de 2006)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

Obs.: Grupo 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar  
Grupo 2º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1  
Grupo 3º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2  
Grupo 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar

## Jornada

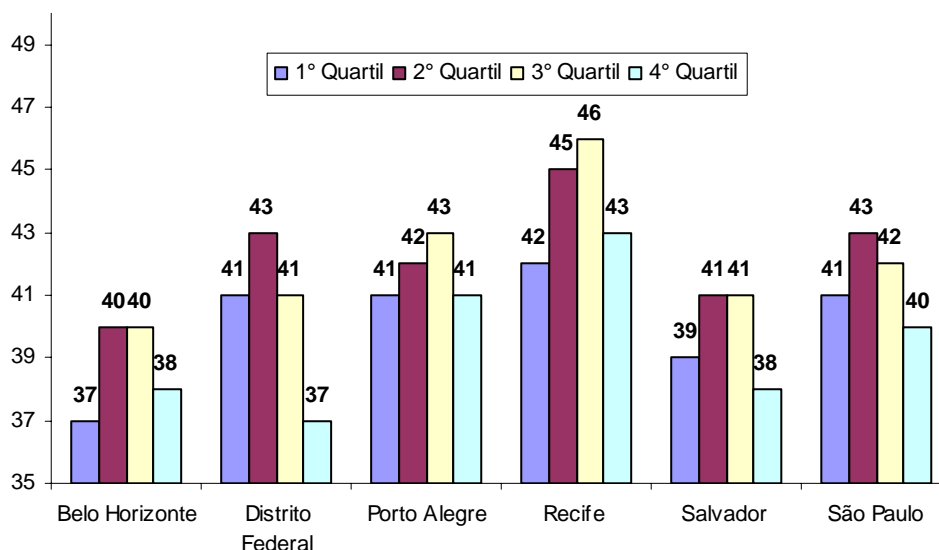
Em 2005, a jornada de trabalho média semanal foi muito alta para o conjunto dos jovens ocupados, principalmente, ao se considerar a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, mesmo em Belo Horizonte, onde se registrou a menor jornada média semanal (39 horas). A maior jornada média semanal de trabalho para os jovens ocupados foi de 44 horas, em Recife – no limite da jornada máxima legal no Brasil. Outras regiões registraram jornadas médias semanais intermediárias entre esses dois limites: 40 horas em Salvador, 41 horas em São Paulo e no Distrito Federal e 42 horas em Porto Alegre.

Quanto aos quartis de renda familiar, observou-se que as maiores jornadas médias semanais foram registradas nos extratos de renda intermediários, ou seja, nem entre os pertencentes às famílias 25% mais ricas nem às 25% mais pobres, mas nas famílias que se situam entre esses dois grupos

extremos. Em três regiões investigadas – Distrito Federal, Salvador e São Paulo – a jornada média semanal dos jovens do primeiro quartil, ou de menor renda, superou a daqueles pertencentes ao quarto quartil (Gráfico 5).

**GRÁFICO 5**  
**Jornada média semanal dos jovens de 16 a 24 anos ocupados**  
**segundo o grupo de quartis do rendimento familiar mensal**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2005**

(em horas)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego  
Elaboração: DIEESE

Obs.: Grupo 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar

Grupo 2º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1

Grupo 3º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2

Grupo 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar

#### 4. Considerações finais sobre a ocupação juvenil nos mercados de trabalho metropolitanos

Apesar da grande presença na força de trabalho, mais de um quarto dos jovens de 16 a 24 anos enfrenta dificuldades para encontrar trabalho. Em geral, o jovem ocupado é do sexo masculino, possui ensino médio completo, tem dificuldade de conciliar trabalho e estudo, desenvolve suas atividades no setor de serviços, cumpre uma extensa jornada de trabalho (acima de 39 horas em todas as regiões analisadas), é assalariado e tem carteira de trabalho assinada. O rendimento é muito variável, situado entre um e dois salários mínimos.

Contudo, é nítida a desigualdade de oportunidades ocupacionais quando se leva em consideração o grupo de renda familiar a que pertence esse jovem ocupado. Notadamente, a realidade ocupacional dos jovens oriundos das famílias mais pobres situa-se muito aquém desse perfil, uma vez que a grande maioria apenas trabalha e não estuda, possui o ensino fundamental incompleto e recebe

rendimentos médios inferiores a um salário mínimo. A realidade ocupacional dos jovens oriundos das famílias com melhor poder aquisitivo apresenta níveis superiores ao perfil médio esboçado – apesar de também revelar traços preocupantes como a extensa jornada de trabalho.

É clara a influência da condição de renda da família sobre o perfil ocupacional dos jovens e, a partir dessa constatação, é importante a elaboração de políticas públicas que, de um lado, promovam uma melhor distribuição da renda no País e, de outro, busquem o desejável equilíbrio entre a formação escolar e profissional e a inserção do jovem no mercado de trabalho.



## **DIEESE**

### **Direção Executiva**

Carlos Andreu Ortiz – Presidente  
STI. Metalúrgicas de São Paulo  
João Vicente Silva Cayres – Vice-presidente  
Sind. Metalúrgicos do ABC  
Antonio Sabóia B. Junior – Secretário  
SEE. Bancários de São Paulo  
Carlos Eli Scopim – Diretor  
STI. Metalúrgicas de Osasco  
Alberto Soares da Silva – Diretor  
STI. Energia Elétrica de Campinas  
Zenaide Honório – Diretora  
APEOESP  
Pedro Celso Rosa – Diretor  
STI. Metalúrgicas de Curitiba  
Paulo de Tarso G. B. Costa – Diretor  
Sind. Energia Elétrica da Bahia  
Levi da Hora – Diretor  
STI. Energia Elétrica de São Paulo  
Carlos Donizeti França de Oliveira – Diretor  
Femaco – FE em Asseio e Conservação  
do Estado de São Paulo  
Mara Luzia Feltes – Diretora  
SEE. Assessoria Perícias e Porto Alegre  
Célio Ferreira Malta – Diretor  
STI. Metalúrgicas de Guarulhos  
Eduardo Alves Pacheco – Diretor  
CNTT/CUT

### **Direção técnica**

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico  
Nelson de C. Karam – coordenador técnico de relações sindicais  
Ademir Figueiredo – coordenador de desenvolvimento e estudos

### **Equipe técnica responsável**

Ana Margaret Simões  
Ana Paula Sperotto  
Antonio Ibarra  
Carlindo Rodrigues de Oliveira  
Edgard Fusaro  
Eduardo Miguel Schneider  
Lúcia Garcia  
Mário Rodarte  
Nelson de Chueri Karam  
Patrícia Lino Costa  
Geni Marques/Iara Heger (revisão)  
Jairo Santiago